

# CULTURA E ALTERIDADE EM REPRESENTAÇÃO NA FICÇÃO CIENTÍFICA: CONFLUÊNCIAS

Ana Alice da Silva PEREIRA\*

- **RESUMO:** A ficção científica, vertente da literatura fantástica, traz aspectos de um futuro presentificado a partir de narrativas que incorporam tecnologias e conhecimentos que não fazem parte do arcabouço científico da época. Mesmo com certa “irrealidade”, essa proposta permite a emergência de questões que dizem muito do modo de vida contemporâneo. Em vista disso, o objetivo deste artigo é discutir de que maneira a ficção científica permite conhecer o homem da atualidade e seus modos de relação. Para isso, buscou-se os pressupostos teóricos da teoria literária, ciências sociais e psicanálise. Dentre as questões levantadas, destacam-se: a constante vigilância e monitoramento; a medicalização das emoções, as novas formas de alteridade e suas dificuldades; a obsolência do corpo e as transformações possibilitadas pela ciência. Por fim, destaca-se a arte, em especial a literatura, como possibilidade de sinalizar a angústia e o inquietamento ante um porvir incerto.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Ficção científica. Literatura. Literatura fantástica. Subjetividade. Contemporaneidade. Cultura.

É cada vez menos necessário ao escritor que acrescente um conteúdo ficcional à sua obra. A ficção já existe. A tarefa do escritor é inventar a realidade.<sup>1</sup>

J. G. Ballard (1995, p.3, tradução nossa).

## A configuração de um gênero

Todorov (2010) caracteriza o fantástico em função de seus gêneros vizinhos, o estranho e o maravilhoso. O fantástico, como uma tênue linha entre estes, trata da narrativa que, buscando a hesitação do leitor, não se decide nem por uma explicação lógica, nem por uma sobrenatural. Quando há a opção por uma explicação lógica, a partir de acontecimentos que, mesmo que inverossímeis, apresentam capacidade de desenvolver-se no plano do real, trata-se então do estranho – referido por vezes também como sobrenatural explicado. Quando, por outro lado, a narrativa rompe a hesitação

---

\* UFU - Universidade Federal de Uberlândia. Departamento de Psicologia. Uberlândia - MG - Brasil. 38400-902 - ana\_alicep@hotmail.com

<sup>1</sup> “It is now less and less necessary for the writer to invente the fictional contente of his novel. The fiction is already there. The writer’s task is to invente the reality”. (BALLARD, 1995, p.3).

Artigo recebido em 20/10/2016 e aprovado em 20/04/2017

pela aceitação plena do sobrenatural, temos o gênero maravilhoso. A história ao oferecer explicações e livrar-se de sua ambiguidade deixa de pertencer ao fantástico para se alinhar a um destes dois gêneros.

Todorov (2010) concebe a ficção científica como uma das manifestações do gênero maravilhoso, em que o sobrenatural é aceito na narrativa sem questionamentos, nem por parte dos personagens, nem do leitor. Na ficção científica, a presença do sobrenatural deve-se aos aparatos tecnológicos e avanços científicos que são capazes de feitos que a ciência de nossa época não é capaz de reproduzir. A partir desse modelo, foram construídos na literatura diversas fantasias sobre o futuro, apresentando o insólito das evoluções tecnológicas.

Em seu estudo antropológico *Totem e tabu*, Freud (2013a) efetua uma análise da evolução do pensamento humano, passando gradativamente pelos estágios de alquimia, religião e por fim, da ciência. Esses estágios estariam presentes não só na humanidade como um todo, mas em cada um dos indivíduos, e longe da proposta de superação dos estágios iniciais, cada um continuaria vivo, em maior ou menor grau, na consciência individual e global. Mesmo o homem moderno, guiado pela razão, conversa ainda vestígios de seus pensamentos alquimistas e religiosos. A partir dessa concepção já é possível argumentar que os limites da ciência e da magia – o que se convencionou chamar de sobrenatural – não são tão facilmente demarcáveis. A ficção científica concretiza esse encontro, de modo que a distância firmada entre ciência e ficção torne-se cada vez menos ilusória.

Schoereder (1986) aponta como condições de surgimento das narrativas de ficção científica as modificações sofridas na sociedade no século XIX e XX. Os progressos oriundos dessa época prepararam o terreno para que se formem os questionamentos quanto ao desconhecido. O período após a Revolução Industrial é propício tanto para posicionamentos de crença absoluta na onipotência da ciência quanto de temor por seus limites e consequências. Dessa maneira, a ficção científica não poderia advir senão da modernidade. É nesse panorama que esses conflitos passam a se manifestar na cultura, marcando as indagações que passam a orientar o homem na busca de seu lugar frente ao desenvolvimento tecnocientífico e ao futuro.

Oliveira (2001) afirma que a ficção científica como gênero surge na literatura, para mais tarde se apresentar em histórias em quadrinhos, cinema, teatro e mesmo videogames. No princípio, essas narrativas eram vistas como produto da indústria cultural, e tendo seu alcance restrito a fãs e editores, era estigmatizada como literatura menor, não atraindo o público em geral. Oliveira (2001) marca a explosão da bomba atômica como um dos acontecimentos que provocou a descontinuidade entre Modernidade e Atualidade, ponto também em que a ficção científica ganha respeitabilidade de leitores em geral e dos teóricos. A referida autora elabora um breve histórico da ficção científica, demonstrando um movimento que passa de uma ênfase na ciência e tecnologia para uma ênfase nas ciências sociais e humanas. Tal conflito não se resolveu e perdura até os dias de hoje, em que há estudos e obras que favorecem a articulação da sociedade e da tecnologia, e em outro sentido há as que se debruçam sobre as imbricações do sujeito com as transformações efetuadas pela técnica.

Iachtechen (2008) problematiza a relação da ciência com a literatura, apontando que mesmo seguindo caminhos distintos, há um entrecruzamento destas duas concepções. Embora a literatura trabalhe com a criação de um universo ficcional, e a ciência, por sua vez, busque estabelecer as fronteiras do real, essas fronteiras que não são tão facilmente demarcadas, de modo que cabe também à ciência indagar e investigar sobre o que ainda não existe, trabalhando situações que só possuem existência virtual. A arte – e a literatura, consequentemente – questiona, como a ciência, os limites do real, permitindo ampliá-los.

Coutinho (2008) reflete que o discurso da ficção científica por vezes esbarra em questões de verossimilhança, mas que se esta trabalha com o que não existe, tem como ponto de partida o que já existe – há então, mesmo com seu caráter fantástico, uma ancoragem no real. Para isso, traz a temática do futuro pela construção de uma metáfora do presente, na medida em que retrata realidades diferentes do vivido que tem a possibilidade de se “presentificarem”, e com isso trazem percepções sobre os efeitos do progresso na realidade cotidiana.

Contrariando de certa forma a divisão de Todorov (2010), que posiciona a ficção científica como um tipo de emanção do sobrenatural, Tuchermann (2006) utiliza-se do conceito de ficção de atualidade, pela compreensão de que o acelerado progresso da ciência torna realidade eventos que só tinham sido pensados na ficção, ou nem mesmo nesta; com isso, as narrativas de ficção científica tornam-se cada vez mais próximas da realidade, o que é corroborado pelo aspecto antecipatório e preditivo de muitas delas. Mais do que elaborações acerca de futuros possíveis, a ficção científica, presentificada pela ciência e pelas consequentes mudanças no modo de vida, diz muito sobre o presente, o aqui e agora.

Sodré (1973) efetua uma crítica à ficção científica ao postular que esta é historicamente datada. Assim, refletindo o imaginário tecnocientífico de sua época, não mantém o interesse dos leitores após algumas décadas ou mesmo depois que os avanços profetizados tenham sido alcançados. A compreensão proposta neste artigo difere do posicionamento do autor, pois parte da ideia que não só muitos dos eventos científicos previstos não condizem ainda à realidade, como novas invenções vem sendo elaboradas, tanto na ficção quanto na ciência. Além disso, embora o desenvolvimento de uma determinada tecnologia seja historicamente datada, o movimento humano de questiona-se sobre o que está por vir, não é. O que está em voga na ficção científica vai além de antecipar as inovações futuras, posto que permite indagar sobre como o homem se posiciona na realidade, envolto nas transformações constantes desta – atitude humana que, por sua vez, não está restrita a uma época ou período histórico.

A ficção científica, como possibilidade de olhar para o futuro, traz ora a descrença na ciência pela apresentação de um futuro assustador, ora a esperança, dessa vez pela crença na capacidade da ciência em resolver os conflitos humanos e aprimorar as condições de vida. Qualquer seja a postura assumida, provoca-se uma interpelação do homem, que compreende que esse futuro que só existe no imaginário vem sendo construído no presente. É impossível precisar com exatidão onde leva esse caminho, mas é fértil pensar, no hoje, quais modelos irão sustentar o progresso. É nesse sentido que a ficção científica se constitui como uma importante ferramenta de reflexão sobre a contemporaneidade.

## A subjetividade contemporânea

A expansão da tecnologia e o enfraquecimento de fronteiras até então bem demarcadas anuncia um novo arranjo de sociedade: tanta nas narrativas de ficção científica quanto no cotidiano, revelam-se novos modos de constituição do sujeito. A investigação neste ponto busca delinear os modos de relação presentes nessa sociedade tecnocientífica. A ficção científica, pelo uso da fantasia e da criação de criaturas e aparatos inconcebíveis pela ciência da atualidade, tem muito a dizer do modo de vida contemporâneo. Embora a investigação tenha se detido sobre a ficção científica no campo da literatura, não faltam exemplos das questões apresentadas em outras mídias. Algumas obras filmicas produzidas nos últimos anos têm valiosas contribuições para a discussão, como será apontado.

De modo a posicionar a problemática da vigilância, é importante retomar Foucault (2014a), que alertava sobre a imposição sobre os corpos, postura que marca o desenrolar de um novo arranjo, que troca a espetacularização da punição pela vigilância e controle efetuadas pelas intuições sociais. Essa vigilância, a partir dos grandes avanços tecnológicos, toma extensas proporções e é realizada de modo muito mais refinado do que antigamente. Na representação deste conflito pela ficção científica, basta pensar no modelo de vigilância representado no romance *1984* (ORWELL, 2009), materializado pela presença onipotente da teletela.

É possível reconhecer uma abundância de câmeras de segurança, webcams, monitores de TV e de computadores, smartphones, numa facilidade de captação e transmissão de imagens que não era sequer sonhada há algumas décadas. Coutinho (2008) menciona ainda que o constante monitoramento retratado no romance se constitui como uma metáfora para a ausência de anonimato da vida contemporânea. Além de estarem cercados por telas, os sujeitos se inscrevem na realidade virtual das redes sociais, muitas vezes compartilhando grande parte de suas vidas e redefinindo assim as concepções de vida privada.

Nesse contexto, não há como não retomar a concepção de Debord (2003) do que ele denomina sociedade do espetáculo. O autor define o espetáculo como a exaltação da imagem, manifestação da hegemonia da aparência sobre a existência; afirmação de toda a vida humana como simples aparência. Nessa lógica espetaculista de que só tem valor aquilo que se mostra, tem-se uma preferência pela imagem em oposição à experiência, em que parecer é mais importante do que ser. É assim que o modo de vida privado se torna cada vez mais público pela disseminação de imagens, que podem ou não ser equivalentes à realidade vivida. Nas redes sociais, é criada uma existência virtual por meio das imagens que muitas vezes se sobrepõe à existência real e a ultrapassa em importância. A virtualidade é por vezes preferida exatamente pela sua capacidade plástica, já que cabe ao indivíduo criá-la e manipulá-la, enquanto a sua existência terrena não é capaz de desviar-se do intransponível concreto do real.

Em outra questão, Veratti (2008) discute sobre *Admirável mundo novo* de Huxley (2014), apontando que a obra apresenta mais sobre a condição social atual do que da época em que foi de fato escrita e publicada, em 1932. Embora seja classificada como ficção científica, a obra vai se distanciando do fantástico uma vez que anuncia situações

que embora inverossímeis na década de 30, são perfeitamente congruentes com o que é vivido hoje em dia, em especial pelo caráter biopolítico dos artificios implantados na tentativa de aprimorar a vida em sociedade. O autor reflete que a configuração desta cena deprimente busca alertar sobre os efeitos engendrados pelo comportamento acrítico dos sujeitos na atualidade.

Destaca-se na obra o modo como os sujeitos lidam com a emoção: esta é completamente eliminada pelo ingestão do soma, comprimido com a finalidade de manter os sujeitos felizes e estáveis. Voltando-se à contemporaneidade, é alarmante o aumento do uso e prescrição de psicotrópicos de todos os tipos, tais como antidepressivos e reguladores do humor. Análogo ao soma, este tipo de medicamento também opera pela premissa de manter o indivíduo feliz, sem afetações, e conseqüentemente adaptado ao meio social. Verifica-se que a denúncia de Huxley (2014), de uma sociedade que torna os sujeitos doentes para então controlá-los quimicamente, vem se confirmando.

Eagleton (2011) faz uma crítica à cultura norteamericana de felicidade o tempo todo, a qualquer custo, apontando que este estado só pode ser atingido por uma profunda negação do fracasso, do sofrimento e da doença. Fica claro que este imperativo de felicidade não se limita a este país, e tem se entranhado firmemente em diversas culturas. Freud (2010) garante que essa felicidade plena almejada pelo homem jamais será alcançada, visto que é da natureza da vida em sociedade gerar insatisfação já que a condição de seu ingresso vem de uma extrema repressão dos instintos. No entanto, a conseqüência dessa constatação tem se distanciado de uma saudável aceitação de emoções desagradáveis e se aproximado a uma medicalização da vida, fornecendo quimicamente os meios para atingir o ideal desejado – tal como no romance de Huxley (2014).

Outro ponto levantado na narrativa é o que se pode caracterizar como produção em série de humanos. Numa referência ao modelo fordista de produção, o processo orgânico de gestação e nascimento é abandonado, de modo que a chegada de novos seres ao mundo deve-se a um processo de fecundação e incubação em larga escala que, seguindo metodicamente os passos de produção, se assemelha mais ao industrial que ao humano. Esta configuração da vida humana como partes sucessivas de um processo industrial faz retomar uma cena do filme *Pink Floyd - The Wall* (1982), na ocasião da música *Another brick in the wall*, em que crianças enfileiradas movimentam-se numa esteira que desemboca em um moedor de carne – imagem que, aliada à canção, configura uma metáfora da educação inglesa da época, que solapa os talentos individuais para proceder com um modelo conformista e reprodutivo de formação. Nos tempos de hoje, tal imagem e questionamento mantém sua validade. Seguindo as considerações de Bauman (1998), mesmo sendo a diversidade de culturas e identidades uma característica de nossa época, cabe questionar, presos nesse sistema repetitivo dominado pelo capital, de que maneira não seguimos todos no movimento da esteira, reproduzindo existências em série. Nesse contexto utilitarista, a arte tem potencial libertador, e especificamente a ficção científica busca indagar sobre estes arranjos, suas conseqüências e possibilidades de transgressão.

No âmbito do cinema, Suppia (2011) analisa a obra fílmica de ficção científica *Distrito 9*, que coloca em cena alienígenas de aspecto insetóide, como uma parábola da problemática das migrações e fronteiras, bem como da percepção do Outro, do lado de

fora, como sendo bárbaro, selvagem, de fato como uma criatura de outra raça – um não humano. A apropriação do tema denota um futuro persistente de intolerância, temática muito frequente nas histórias de ficção científica, em qualquer uma de suas muitas facetas – racial, política, social. Essa temática se manifesta claramente pela atitude com relação aos aliens, numa forma de racismo modificado que Suppia caracterizou como especismo. Assim, o fantástico produzido faz com que emergja uma questão extremamente conflituosa nas relações: a alteridade. É feito um grande esforço para evitar se misturar ao Outro, como maneira de se defender da impureza. Bauman (1998) caracteriza essa impureza na figura do viscoso, apontando este como o lugar daqueles que não conseguem se integrar ao sistema, ficando invisíveis para todos os demais. Nesse sentido, o viscoso é aquele que não compartilha do sistema de cultura e crença e deve pois ser evitado a fim de manter a pureza do grupo.

A questão da alteridade e da importância dada à existência virtual, problematizada acima, são tratadas no filme *Ela* (2013). Neste, é possível perceber a dificuldade do protagonista, Theodore, em se sentir conectado com as outras pessoas com as quais se relaciona. Em algumas cenas, há um caráter perceptivelmente melancólico e solitário no personagem na medida em que ele observa a interação de outras pessoas. A trama se desenrola com a aquisição por Theodore do sistema operacional Samantha, com quem ele passa a desenvolver um relacionamento amoroso. Assim, o acentuado contingente populacional e expansão do acesso a diversos meios de comunicação não elimina a pungente solidão denunciada no personagem. O contato com a alteridade ainda traz as características de uma relação incômoda, de modo que a vida virtual, manipulável como é, apresenta-se como uma defesa aos dissabores dos relacionamentos humanos. Dantas (2014) questiona justamente se os aplicativos que utilizamos não tomaram o lugar da escuta e da intimidade, tornando-se lócus privilegiado de nossa expressão como sujeitos. Nesse contexto, os limites do real e do virtual são revistos, principalmente pela importância dada à virtualidade.

Ainda em relação ao cinema, Rosário et al. (2010) diagnosticam uma tecnofobia característica de algumas produções cinematográficas de ficção científica, em oposição a uma tecnofilia em relação ao cotidiano, visto que os aparatos tecnológico costumam, majoritariamente, ser absorvidos de modo harmonioso nos modos de vida. Levantamos a hipótese de que tal caracterização pode ser decorrente do medo de que o movimento da civilização não esteja, afinal de contas, caminhando rumo ao progresso. Destaca-se aqui uma ideia hegeliana de linearidade do tempo e de finalidade, que pretende uma evolução pelo decorrer da história (MACHADO, 2006). Cabe contrapor uma visão foucaultiana, a partir da apreensão de um tempo não linear, que se apresenta em forma de séries descontínuas e não possui qualquer finalidade, sendo guiada por seu próprio movimento (FOUCAULT, 2014b). O horror que muitas vezes segue as narrativas de ficção científica pode assim ser reflexo da percepção tardia de que não há um destino evolutivo na direção do qual caminha a humanidade.

Contraponto para essa perspectiva pode ser encontrada na obra do autor de ficção científica Alfred Asimov (2014). Além de escritor, era também um cientista, e justifica sua tentativa de construir um universo ficcional em que robôs e humanos possam conviver

de modo harmônico, ao invés da revolta e conseqüente dominação das máquinas sobre os humanos, porque compreende que nesta última, há uma lição a ser aprendida: a de que há certos conhecimentos que são nocivos à humanidade. Por fazer parte também do universo da técnica, o autor tem uma postura otimista frente às transformações e acredita que estas sejam capazes de alterar positivamente a vida em sociedade. Desse modo, o autor veicula em sua literatura um discurso que promove os avanços tecnológicos, afirmando a superioridade e grandiosidade dos novos inventos ao invés de questionar seus efeitos nefastos.

### **A metamorfose do corpo**

Le Breton (1999) reconhece um ódio ao corpo que tem sua origem nos gnósticos, que o consideram como uma indignidade, a carne sua parte maldita, sujeita que está a fornecer o limite ao desejo; o corpo é anacrônico, obstáculo ao desenvolvimento humano e definitivamente incapaz de se parrear com os avanços tecnológicos. O corpo sempre foi visto como impuro, imperfeito, falho, sujeito à doença, à decadência e à morte. Desse modo, era esperado que tão logo o homem fosse capaz de ampliar a dimensão de seus conhecimentos, buscaria modificar esse corpo, corrigindo suas falhas e aproximando-se de um ideal de durabilidade. Na tentativa de equipara-se à máquina, esse corpo falha miseravelmente, como fica claro no trecho do conto “Razão”, de Asimov (2014, p.85):

- Olhem para vocês – disse ele por fim. – Não digo isso com desdém, mas olhem para vocês! A matéria de que são feitos é macia e flácida, sem resistência nem força, e depende de uma oxidação ineficiente de matéria orgânica para obter energia... como aquilo. – Ele apontou o dedo para o que restava do sanduíche de Donovan com ar de desaprovção. – De tempos em tempos, vocês entram em coma e a menor variação de temperatura, pressão do ar, umidade ou intensidade radiativa prejudica a sua eficiência. Vocês são provisórios. Eu, por outro lado, sou um produto acabado. Absorvo energia elétrica de forma direta e a utilizo com uma eficiência de quase 100%. Sou composto de um metal resistente, meu estado de consciência é ininterrupto e posso suportar as condições extremas do ambiente com facilidade.

O corpo, posto em comparação com a máquina, faz emergir sua inevitável obsolescência. Em face dessa inadequação, o homem vê na máquina um modelo de transcendência: pela modificação do corpo, aliando-se à tecnologia, é possível fugir ao grotesco destino de decrepitude. Le Breton (1999) reconhece no discurso científico indícios dessa mútua influência. O autor retrata a filosofia mecanicista do século XVII, que apreende o corpo tal qual uma máquina, seu funcionamento como uma mecânica que é possível pela singularidade de suas engrenagens. O discurso vigente então era do corpo como máquina maravilhosa, perfeitamente equipado para o exercício exemplar de suas funções. A postura de admiração vai se desvanecendo e dá lugar ao desencanto frente à incontornável fragilidade do ser, produzindo assim os discursos de inferioridade e

inconfiabilidade da matéria humana. A metáfora da máquina vai assim ocupando o lugar de reparar ao corpo a dignidade que sua condição falha que toma.

Nesse sentido, a máquina aparece como um duplo do homem. Rank (2014), de uma perspectiva psicanalítica, reflete que o duplo aparece como resposta à ameaça de aniquilamento do eu, para poupar a angústia diante da possibilidade de perda do ego. No entanto, sua função vai se modificando, de modo que o duplo passa a ameaçar a integridade física do sujeito, primeiro como forma de defende-se de sua mortalidade, depois como ameaça constante à sua existência. Tal dinâmica observa-se também na ficção científica em relação aos seres híbridos e às máquinas inteligentes que convivem com o homem. Em um primeiro momento, estes personagens são tidos como a salvação, o modelo final e acabado da evolução humana; mas logo passam a representar a possibilidade de dominação e extinção de toda a vida como conhecemos.

Assim, duas vertentes devem ser consideradas na análise desse processo de mútua interação e transformação na relação entre o humano e a máquina. De um lado, a máquina traz a possibilidade de aprimorar o humano, de salvá-lo de sua irremediável perecibilidade, respondendo à angústia de que mesmo com as mais sofisticadas habilidades da ciência, ainda não é possível prolongar indefinidamente a vida; por outro, como um indesejado efeito colateral, trabalha com a substituição do humano pela máquina, como se deu em muitas indústrias no século XX. Sobre este último, caberia a pergunta: se o humano é assim tão inadequado, tão provisório, tão inferior à capacidade de permanência da máquina, por que conservá-lo? Essa indagação retrata o conflito do lugar do homem na sociedade hodierna.

Em relação a estas novas criaturas que serão demarcadas, Amaral (2004) afirma que a ficção científica tem como sua herança o gótico, e reconhece características de ambos os gêneros na obra publicada por Mary Shelley em 1818, *Frankenstein*, vista por muitos como a primeira obra desse novo gênero/estilo que se formava. O romance possui uma atmosfera sombria, etérea e sobrenatural, marca do gótico, mas já introduz a temática da ciência e seu lugar na humanidade, questionando a imprevisibilidade de seus efeitos e indagando sobre a condição humana e divina. Segundo a autora, o horror é uma característica que se mantém nesta mudança de gêneros, embora suas origens sejam distintas: os monstros da ficção científica são outros. Agora, tem-se o pavor dos corpos protéticos, de implantes cerebrais, da fusão de metal e carne nos corpos perfurados, de placas de silício e circuitos metálicos. Seriam esses novos corpos humanos ou máquinas?

Amaral (2004) aponta a alteridade também como o duplo do homem, alteridade que se manifesta na ficção científica com frequência pela apresentação de seres distintos, como alienígenas, robôs e máquinas dotadas de inteligência artificial. É em contato com o diferente de si que o homem se pergunta sobre seu próprio estatuto, sendo capaz nesse encontro de refletir acerca de sua identidade e papel na sociedade, bem como o dos outros seres com quem convive. Tucherman (2006) aponta a excelência do cinema, desde seus primórdios, em apresentar seres sobrenaturais, e que com o surgimento de uma nova estética e de novos efeitos elabora uma nova anatomia do humano combinada com uma nova anatomia cinematográfica, essa capaz de explorar, pelo trabalho digital, diversos níveis do artificial.

Neste ponto, a análise terá como enfoque duas criaturas da ficção científica que apresentam esse lugar-limite ente o ser humano e a máquina: o andróide e o ciborgue. Rama (2012) realiza uma distinção entre estes dois, caracterizando o ciborgue como um humano com implantes sintéticos que teriam a finalidade de aumentar sua capacidade física e intelectual, e o andróide por sua vez se trata de uma criatura completamente robótica, mas que em sua forma, comportamentos e movimentos se assemelha ao humano. Rama (2012) reconhece estes como os duplos tecnológicos do homem. O autor percebe já em *Frankenstein* características que acompanharão a aparição desses personagens, na forma da desconfiança em relação ao Outro e o desejo de emparelhar as criações à imagem e semelhança do homem.

Rama (2012) diz de um temor constante de substituição nas atividades que foram designadas a robôs que tem na figura do andróide o seu ápice. As máquinas neste contexto são vistas como detedoras do potencial de destituir o homem, primeiro de seu lugar no trabalho e na sociedade, e por fim de seu lugar no mundo. O andróide, como produto da evolução da máquina industrial, seria capaz de competir pelo domínio da existência. O humano com seu corpo orgânico e suas necessidades físicas não estaria equiparado para vencer a máquina, atestando novamente do caráter de falibilidade do corpo. Esse conflito entre a criatura e seu criador é mais uma das formas de manifestação da inquietação quanto as consequências dos avanços tecnológicos. O questionamento que aqui se forma é da avaliação da necessidade de delinear limites para a expansão do conhecimento e da técnica.

Petry (2007) discute que o ciborgue, diferente do robô e do andróide (estes são constituídos inteiramente de forma mecânica), apresenta uma natureza dúbia ao mesclar o homem ao metal, mantendo em sua constituição tecidos humanos e partes robóticas. Tal imbricamento cria um ser com possibilidades e capacidades expandidas, de modo a se sobrepor ao homem original; é como um homem maquínico, e como tal, uma versão melhorada do homem. A relevância deste tema é notável, basta lembrar das próteses biônicas que se disponibilizaram nos últimos tempos, destinando-se a corrigir dificuldades de mobilidade, audição, visão, sexualidade, entre outros. O autor aponta ainda que o ciborgue, partilhando do corpus humano e o corpus da técnica, não pode pertencer a nenhum de forma exclusiva, ocupando o lugar do “entre”.

A tecnologia, em especial no que diz respeito as modificações presentes no próprio homem, vem anuviar antigas dicotomias, tais como o orgânico/inorgânico, real/simulado, natural/artificial. Michaud (2011) argumenta que conhecimentos acerca da cirurgia plástica, doping, engenharia biogenética, mudanças de sexo e intervenções na reprodução, interagem na construção de um homem mutante, um “pós-humano”. O conflito advindo disso atesta sua ambiguidade: o homem modificado, a partir de sua descaracterização, passaria a ser inumano ou essa seria simplesmente uma forma de testar e expandir os limites do corpo? Nesse sentido, o autor cita o trabalho do artista plástico Stelarc, que apropria-se de cybercorpo pela utilização de próteses – em uma de suas performances, ele comanda à distância um terceiro braço robotizado. Tem-se que a fronteira entre ficção e realidade é particularmente escorregadia nestes contextos.

Dessa forma, a problemática fica mais complexa na figura do ciborgue por causa de sua natureza híbrida. Este ser conserva quanto de sua humanidade? Pode ainda ser considerado humano? Rama (2012) destaca que a configuração desse ser leva à reflexão do próprio estatuto do humano, pela reflexão de sua condição atual e constatação de uma natureza que já é híbrida. A conexão com máquinas e computadores já os coloca como extensões do nosso corpo, de modo que é difícil distinguir onde termina a máquina e onde começa o homem. A atualidade do ciborgue mostra outra faceta, além daquela das modificações corporais, na medida em que desnuda essa separação com os instrumentos tecnológicos, que já firmados no uso cotidiano e atrelados constantemente ao homem, passam a fazer parte da existência corpórea do sujeito. Nesse contexto, já somos todos ciborgues, sujeitos que estamos a essa ligação inseparável com a tecnologia criada.

No outro extremo dessa dialética, a figura do andróide provoca o estranhamento e posterior questionamento oposto: investida a máquina de características humanas e dotada de inteligência artificial, quanto há de humanidade nesta? Tais figuras remetem ao inquietante descrito por Freud (2013b) exatamente por sua suspeita familiaridade. nesta concepção, o desconforto é gerado pela estranheza familiar, que se funda de algo que deveria permanecer oculto mas é trazido à tona. O sentimento inquietante aí reflete a ambiguidade de um ser ao mesmo tempo tão próximo e ao mesmo tempo tão distante do humano. É possível relacionar isso ao que propõe Peres (2015), ao afirmar que o sujeito, em sua inconsistência, cria suas cópias para projetar no exterior o que não consegue lidar no próprio inconsciente. Assim, essas máquinas, mesmos quando possuem formas distintas da figura humana, estão marcadas pelo que deste há nelas. O homem se projeta na máquina, mesmo que não se reconheça nela: eis a estranheza familiar.

A ciência, em sua busca para solucionar os conflitos, por vezes cria problemas mais complexos, apresentando dilemas éticos sobre o uso que se faz de suas descobertas, como ocorre pela criação de máquinas que possuem inteligência artificial. Poersch (2004) apresenta a inteligência artificial como a capacidade de uma máquina de armazenar conhecimento e aprender por meio da experiência, tal como ocorre em um cérebro humano. A ficção científica nos fornece imagens de situações em que estas figuras inanimadas conseguem com sucesso simular emoções humanas, como destacado por Peres (2015) acerca do conto “Superbrinquedos duram o verão todo”, posteriormente adaptado para o cinema por Spielberg em *A.I.: Inteligência Artificial* (2001). É fato que estes novos sujeitos são capazes de demonstrar emoções, mas seriam capazes de senti-las? E possuidores de memória, cognição e emoção, atributos exclusivamente humanos, o que os separa destes? Mais uma vez a fronteira entre o humano e a máquina é ameaçada, clamando por uma reconfiguração.

## Considerações finais

Essa investigação não tem interesse em uma postura saudosista, que percebe um futuro sombrio em relação a um passado natural, e assim, ideal. O propósito buscado não é atribuir qualquer juízo de valor sobre os modos de vida, mas apresentar e discutir

mudanças que já se inserem de modo irreversível na paisagem contemporânea. A arte, em todas as suas formas, manifesta essas novas configurações bem como as incertezas do homem diante deste terreno movediço no qual agora se move.

Por fim, resta reafirmar a ficção científica como gênero que atende à cultura de massas mas não se limita a isso, possuindo expressões significativas nas diversas esferas artísticas. Muito distante de se constituir como um gênero ultrapassado, a ficção científica se relaciona com os anseios do homem contemporâneo, agregando novas temáticas e formas de expressão. Cabe reconhecer na ficção científica, na medida em que apresenta as coisas como poderiam ser, um instrumento poderoso que permite ao homem refletir qual o modelo de futuro quer construir para si.

PEREIRA, A. A. da S. Culture and otherness represented in science fiction: confluences. **Revista de Letras**, São Paulo, v.56, n.2, p.51-63, jul./dez., 2016.

- **ABSTRACT:** *Science fiction, as a part of fantastic literature line, deals with aspects of a future brought to the present through narratives that embody technologies and knowledge that are not part of the scientific reach of the period. Even with a certain “unreality”, this approach allows the emergency of questions related to the contemporary way of living. Given that, the purpose of this article is to discuss how science fiction enables to know about man nowadays and the way he relates to others. In order to do that, there were sought theoretical contributions from literary theory, social sciences and psychoanalysis. The following questions are highlighted among the presented: the constant vigilance and monitoring; medicalization of emotions, new approaches to alterity and its difficulties; the obsolescence of the body and transformations made possible by science. Finally, art, and literature specially, is set as a possibility to demonstrate the anxiety and disquiet in face of an uncertain for coming.*
- **KEYWORDS:** *Science fiction. Literature. Fantastic literature. Subjectivity. Contemporaneity. Culture.*

## Referências

A.I. INTELIGÊNCIA artificial. Direção de Steven Spielberg. Los Angeles: Warner Bros, 2001. 1 DVD (146 min).

AMARAL, A. Espectros da ficção científica: a herança sobrenatural do gótico ao cyberpunk. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v.18, n.38, p.1-15, 2004.

ASIMOV, I. **Eu, robô**. São Paulo: Aleph, 2014.

BALLARD, J. G. Introduction. In: \_\_\_\_\_. **Crash**. New York: Vintage, 1995. p.3-4.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

- COUTINHO, A. Ficção científica: narrativa do mundo contemporâneo. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, Brasília, v.1, n.1, p.15-26, 2008.
- DANTAS, D. F. Corpos digitais e melancólicos em Ela, de Spike Jonze. **Inter-Legere**, Natal, n.15, p.358-361, 2014.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.
- DISTRITO 9. Direção de Neill Blomkamp. [S.l.]: Sony Pictures, 2009. 1 DVD (112min).
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.
- ELA. Direção de Spike Jonze. Los Angeles: Warner Bros, 2013. 1 DVD (126 min).
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014a.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014b.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização, Conferências introdutórias e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.13-123.
- \_\_\_\_\_. Totem e tabu. In: \_\_\_\_\_. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a. p.13-244.
- \_\_\_\_\_. O inquietante. In: \_\_\_\_\_. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)**, **Além do princípio do prazer e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013b. p.329-376.
- HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.
- IACHTECHEN, F. L. **Gênero utópico e o discurso científico na ficção de H. G. Wells**. 2008. 99f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2008.
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. Campinas: Papirus, 1999.
- MACHADO, R. Hegel e a manifestação sensível da ideia. In: \_\_\_\_\_. **O nascimento do trágico**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. p.110-138.
- MICHAUD, Y. Visualizações: o corpo e as artes visuais. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo 3: as mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis: Vozes, 2011. p 541-565.
- OLIVEIRA, F. R. Como a ficção científica conquistou a atualidade: tecnologias de informação e mudanças na subjetividade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001. p.1-16.

- ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PERES, R. G. V. **Autômatos e superbrinquedos à imagem e dessemelhança do homem**. [S.l.]: Novas Edições Acadêmicas, 2015.
- PETRY, L. C. O ciborgue e a arte da hipermídia. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 16., 2007, Florianópolis. **Anais ...** Florianópolis: ANPAP, 2007. p.1-11.
- PINK Floyd – The Wall. Direção de Alan Parker. Roteiro de Roger Waters. Reino Unido: Metro Goldwyn-Mayer, 1982. 1 DVD (95 min).
- POERSCH, J. M. Simulações conexionistas: a inteligência artificial moderna. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v.4, n.2, p.441-458, 2004.
- RAMA, J. L. Homem-máquina: desconfianças de um corpo pós-humano. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v.2, n.3, p.63-74, 2012.
- RANK, O. **O duplo**: um estudo psicanalítico. Porto Alegre: Gradiva, 2014.
- ROSÁRIO, N. M. et al. Cultura da tecnofilia e imaginários da tecnofobia: discurso sobre seres artificiais em filmes de ficção científica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais....** Caxias do Sul: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011. p.1-15.
- SCHOEREDER, G. **Ficção científica**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1986.
- SODRÉ, M. **A ficção do tempo**: análise da narrativa de science fiction. Petrópolis: Vozes, 1973.
- SUPPIA, A. A verdade está lá fora: sobre a retórica documentária no cinema fantástico ou de ficção científica. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**, São Leopoldo, v.13, n.1, p.20-31, 2011.
- TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- TUCHERMAN, I. Fabricando corpos: ficção e tecnologia. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v.3, n.7, p.77-92, 2006.
- VERATTI, N. S. P. Admirável mundo novo: um enredo de possíveis. **Sínteses**, Campinas, v.13, p.315-330, 2008.